

A foice e o martelo em *os subterrâneos da liberdade*; as diversas concepções do marxismo na escrita de Jorge Amado.

Daiana Nascimento dos Santos¹

Resumo: Analisou-se como o valor simbólico da foice e do martelo influencia as concepções marxistas das personagens Mariana, Camarada Ruivo e Velho Orestes da obra *Os Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado. Para tanto, foi traçado um perfil de Jorge Amado na época em que ele militava no Partido Comunista Brasileiro e como as influências da doutrina estética conhecida por Realismo Socialista atuavam em sua escrita. Ao mesmo tempo foram apresentados traços das concepções marxistas das três personagens e como as simbologias referentes ao emblema comunista determinavam sua maneira de agir, destacando que esses militantes possuíam características marcantes que o diferenciavam de outras pessoas. Dessa maneira, apresentaram-se como os valores simbólicos da foice e do martelo que representavam o partido na sua essência partidária, a qual é traduzida nos seus militantes. Ao mesmo tempo, essas concepções marxistas das personagens influenciaram sua luta e resistência frente às determinações do partido e as perseguições sofridas pelos militantes.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA. Matriculada no Programa de Mestrado em Literatura da Universidad de Chile, Santiago/Chile.

Palavras-chave: concepções marxistas; emblema comunista; militantes.

Introdução

O cenário político e intelectual do Brasil dos anos 40 e 50 do século passado revela que muitos intelectuais acorreram em massa ao Partido Comunista Brasileiro, porque o mesmo representava os anseios de liberdade e igualdade mais avançados da humanidade. O partido influenciava, assim, na maneira de escrever dos seus escritores que formavam suas concepções marxistas e cujas obras se encontravam subjacentes ao Realismo Socialista.

Por isso, resolve-se trabalhar com a obra *Os Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado a qual se dispõe em três títulos *Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *A luz no Túnel*, que delimita muito bem a influência do Realismo Socialista, ao apresentar como as personagens Mariana, Camarada Ruivo e Velho Orestes se comportavam de acordo com suas concepções marxistas, concepções estas que os diferenciavam das outras personagens da obra, justamente por sua conduta baseada nas orientações do partido. Daí porque esta pesquisa tem por base a investigação das diversas concepções sobre o marxismo, subjacentes à simbologia da foice e do martelo.

Partindo, então, do pressuposto da influência do Realismo Socialista na referida obra de Jorge Amado, salienta-se a importância de se estudar sua obra, sobretudo no período em que militava no Partido Comunista Brasileiro e escrevia seguindo o modelo determinado

pela doutrina estética que vigorou no partido.

Por tais observações, esta pesquisa direciona-se tanto ao público literário em geral, quanto àqueles que se dedicam ao estudo do socialismo nas suas vertentes marxista-leninistas. Para tanto, busca-se investigar como os valores simbólicos da foice e do martelo influenciaram as concepções marxistas das personagens em estudo.

Sendo assim, será abordado no próximo subtítulo, intitulado *Jorge Amado e o Realismo Socialista*, o perfil do autor Jorge Amado inserido na militância do Partido Comunista Brasileiro e as influências decorrentes do Realismo Socialista em sua obra. Em seguida serão apresentadas as concepções marxistas das personagens estudadas e a relevância da simbologia do partido para elas. No subtítulo *O ser comunista que determina o militante*, por fim, esclarece-se a simbologia existente nos elementos representativos do partido comunista, ou seja, a foice e o martelo, em *Valores simbólicos da foice e do martelo*.

Jorge Amado e o Realismo Socialista

Nos anos 40 e 50 do século passado, o mundo vivia um período de insegurança política decorrente da disputa que havia entre o bloco capitalista, dominado pelos Estados Unidos da América, e o socialista, encabeçado pela antiga União Soviética, que travavam entre si uma disputa conhecida como Guerra Fria, período de instabilidade política envolvendo os dois países. Por causa dessa instabilidade, a União Soviética decidiu tomar uma série de medidas contrárias ao capitalismo, dentre elas destaca-se uma doutrina estética chamada Realismo Socialista, a

qual tinha como objetivo vigiar os intelectuais comunistas na União Soviética e mais tarde no mundo.

O Realismo Socialista pretendia vigiar e determinar o que seus intelectuais deveriam produzir, sendo que essa doutrina inviabilizava a produção própria de cada escritor filiado ao partido. Ao mesmo tempo, o militante se revestia das imagens partidárias que o levavam a seguir as normas dessa doutrina.

Subentende-se que os escritores comunistas escreviam de acordo com as políticas arbitradas pelo partido, e, segundo Dênis de Moraes (1994, p. 93), “as classes populares não devem descobrir que a força real do partido brota da castração das possibilidades expressivas do outro”. Na verdade, isso demonstra o quanto esses intelectuais tinham suas ideias subjugadas pelas determinações do partido ao moldá-las de acordo com os regulamentos partidários, isto é, escrevendo o que eles determinavam e renunciando a sua liberdade de produzir como desejassem.

Em decorrência disso, a literatura foi se degradando por causa dessa submissão das ideias e da falta de liberdade dos seus intelectuais. No entanto, vários deles se revoltaram contra o posicionamento dessas ideias de determinismo na arte e passaram a ser vistos com maus olhos pelos dirigentes do partido.

Corroborando o posicionamento assumido por muitos intelectuais, defende Sartre (1989, p. 53) que “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade”, logo a arte não podia ser criada artificialmente e moldada pelo partido, mas sim, livre como as idéias dos escritores deveriam ser. Sendo assim, Sartre (1989, p. 49) ainda afirma:

[...] as estruturas precedentes implicam um pacto entre as liberdades humanas, pois, de um lado, a leitura é um reconhecimento confiante e exigente da liberdade do escritor e, de outro, o prazer estético da liberdade, já que ele próprio é sentido sob o aspecto de um valor, envolve uma exigência absoluta em relação a outrem; a de que todo homem, enquanto é liberdade, experimente o mesmo prazer lendo a mesma obra.

Apesar desse posicionamento, Jorge Amado, em seus discursos publicados com o título de *O Partido Comunista e a liberdade de criação*, em fins de 1956, insinuava que as exigências políticas deveriam sobrepor as formas artísticas, ou seja, a égide do Realismo Socialista deveria ser seguida e louvada por seus intelectuais quando estes escreviam sob os moldes dessa doutrina e faziam jus às suas determinações. No entanto, esse procedimento de Jorge Amado mudou no momento em que Diógenes Arruda, censor literário do partido, começou a censurar sua obra, ao modificar as personagens ou até mesmo determinar a criação de algumas personagens, já que essas deveriam apresentar as condições de vida do proletariado e representá-lo com fidelidade.

De acordo com Dênis de Moraes (1994, p. 161), “Jorge Amado souou para convencer a direção de que não passaria a vida inteira redigindo panegíricos à cultura soviética”. Mesmo assim, acabou escrevendo *Os Subterrâneos da Liberdade*, que foi influenciado diretamente por sua atividade política. No entanto, em 1956, no *Jornal A Imprensa Popular*, de 11 de outubro de 1956, posiciona-se arrependido de ter seguido essa doutrina e retira-se do partido.

Em decorrência disso, por volta de 1957, durante a chamada “desestalinização”, Jorge Amado escreveu um artigo intitulado *Tenho as mãos tintas de sangue*, em que faz referências aos desmandos comunistas da época, sobretudo ao massacre da Hungria. Por fim, submete a sua escrita passa a ter um novo estilo, livre e democrata, ao escrever obras de renome internacional, como *Gabriela, Cravo e Canela*, *Terras do Sem fim*, *Dona Flor e seus dois maridos*, dentre outras também famosas internacionalmente. Morre no dia 06 de agosto de 2001, na Bahia, e tem seu nome marcado na literatura como escritor consagrado no Brasil e no mundo.

O Ser Comunista que Determina o Militante

Ao observar o comportamento das personagens Mariana, Camarada Ruivo e Velho Orestes, percebe-se que elas são guiadas por suas concepções marxistas. Isso porque os seus objetivos são voltados para a conquista do poder pelo proletariado que buscava a união entre os trabalhadores. Esse fato é decorrente da luta que essas personagens mantinham contra o sistema opressor do Estado Novo.

Visto que o comportamento de um militante é baseado na luta contra a ditadura do Estado Novo e pela democracia, isso é bem claro ao observar a maneira de agir de Mariana, que desde muito jovem milita no partido; do Camarada Ruivo, que mesmo doente, vai aonde o partido determina; e também a do Velho Orestes, que, por amor, morre lutando em defesa de uma tipografia clandestina pela qual era responsável.

Com base nessas afirmações, destaca-se como a

conduta desses militantes é baseada na união e lealdade à sua causa, já que eles pensam e agem por seus companheiros, desenvolvendo, assim, uma postura de partilha e responsabilidade. Nesse caso, pode-se perceber que a união entre os militantes e o paternalismo são determinantes nos traços da personagem Velho Orestes, pois ele mantinha uma relação afetiva muito forte com Mariana, já que ela havia perdido o pai há algum tempo e via na figura de Velho Orestes um pai, assim como esse a via como uma filha, mantendo, assim, entre eles, uma forte e sincera amizade.

Tais observações revelam-se nos fragmentos abaixo, quando Mariana lhe diz que vai casar-se com o Camarada João e ele, muito orgulhoso, diz: “Tu é uma boa menina e uma boa companheira. Não são muitas as que têm a sua coragem, cara piccina, e eu te desejo muita felicidade” (AMADO, 1980, p. 306).

E também, no momento em que a polícia descobre onde se localiza a chácara em que funcionava a tipografia clandestina, local de trabalho de Velho Orestes e outro companheiro chamado Jofre, que foram designados pelo partido para produção de material contra o Estado Novo. No momento em que a polícia adentra a chácara e os descobre, Velho Orestes se posiciona heroicamente em defesa da tipografia e pede: “Se você escapar, diga a Mariana que o velho Orestes não fez feio...” (AMADO, 1980, p. 362).

O posicionamento de Velho Orestes, ex-anarquista italiano, quase ancião e detentor de um grandioso coração, é algo notável, pois suas ações apresentam traços de força e coragem extraordinárias. É sob esses aspectos que Velho Orestes defende a casa em que funcionava a tipografia clandestina, usada pelo partido

para produzir panfletos contrários ao Estado Novo. Morre defendendo e lutando por seu partido comunista, e expressa, com seu canto italiano de revolta, o seu amor partidário no seu último momento de vida: “E viva il comunismo e la liberta” (AMADO, 1980, p. 364).

Há momentos, no entanto, em que a personagem Mariana age impulsivamente e não faz jus ao aprendizado que obteve com Velho Orestes, de agir pelo partido e fiel às ordens dos dirigentes. Ao agir de maneira impulsiva, ela é repreendida por eles para que assuma uma postura de militante imbuída numa causa. Esse fato é notado nos fragmentos abaixo, quando um dos dirigentes orienta Mariana a agir como um verdadeiro comunista: “um comunista responsável não pode fazer uma dessas coisas que fazem sem saber por que, como você diz. Um comunista deve saber o que faz e por que faz” (AMADO, 1980, p. 146).

E também “aprenda a pensar em terceira pessoa, Mariana, é um bom método que eu emprego sempre. Quando tenho vontade de fazer coisas assim, procuro ver se eu acharia bom que outro dirigente o fizesse (AMADO, 1980, p. 147).

A lealdade e o compromisso ao partido são traços marcantes no comportamento de Mariana, que desde muito jovem dedicava sua vida à luta partidária, visto que, em determinado momento, ela se dá conta de que já tinha quase 22 anos e, até então, não tivera um namorado, porque seu tempo era dedicado aos trabalhos do partido e às causas pelas quais seu pai dera a vida.

Dessa maneira, pode-se ver como Mariana pensa

na importância que o partido tem para ela, ao tempo em que se recorda do período em que seu pai lhe ensinou sobre o partido que ela tanto amava: “Ah! Seu Partido, aquele Partido pelo qual seu pai dera a vida, pelo qual tantos homens abandonavam a segurança e o conforto...” (AMADO, 1980, p. 24).

É nesse ideal de amor a suas concepções que Mariana desenvolve trabalhos desde muito jovem e ingressa de fato, aos 18 anos, sendo que já apresentava um comportamento baseado nos ensinamentos do partido. Com base nessas afirmações, Mariana revela, desde jovem, uma postura comunista, que foi um pedido de seu pai no seu leito de morte:

- Quero que ocupes o meu lugar no Partido. Não somos muitos e não desejo que minha morte abra um claro em nossas fileiras. E tu podes fazer bem mais do que eu; és jovem, tens estudado, és inteligente... Tu és comunista, não é? (AMADO, 1980, p. 67).

Considerando tal indagação, pode-se afirmar que a sua resposta foi dita ao longo de suas ações no seu período de trabalho na fábrica e nas ações desenvolvidas por ela no decorrer de sua vida em prol do partido e de melhoria para os trabalhadores.

Ao mesmo tempo em que Mariana trabalha pelo partido, o comportamento do Camarada Ruivo apresenta situações em que se destacam o amor e a doação à causa, pois, mesmo no momento em que ele apresenta um estágio avançado de tuberculose, a sua dedicação ao partido fala mais alto: “queimando de febre, o Ruivo seguia qualquer missão...” (AMADO, 1980, p. 73).

O Camarada Ruivo apresenta traços de destemida coragem e determinação, que o fazia conhecido entre seus companheiros e também pela Polícia Secreta. Desse modo, seu exemplo passou a ser referência entre seus companheiros. “com essa doença do Ruivo aprendi bastante quanto o Partido é estimado, quantos sentimentos nobres ele desperta nos homens” (AMADO, 1980, p. 152).

Até mesmo no momento em que foi preso, interrogado e espancado, mostrou-se fiel às suas concepções marxistas de dirigente comunista, líder proletário e confiante nas ações do Partido e da União Soviética. Tal comportamento desafiava a polícia e revelava-se cada vez mais forte e fiel ao partido em que militava. O fragmento abaixo apresenta um trecho da conversa entre um médico e o chefe da Polícia, a respeito do comportamento que os comunistas apresentavam nos seus interrogatórios, pois, quase sempre, fiéis ao partido, não revelavam informações, mesmo que fossem espancados; isso demonstra como o partido era importante em suas vidas: “-Eles são mais fortes que você Barros. Você só tem contra eles a dor, mas eles têm contra você outra coisa mais poderosa...alguma coisa no coração.” (AMADO, 1980, p. 74).

Já se sabe que Mariana, Camarada Ruivo e Velho Orestes lutam para atingir os interesses e objetivos defendidos pela classe operária e camponesa, traduzidos no seu desejo mais íntimo de liberdade e igualdade entre os homens. Com base nas atitudes das três personagens em estudo, dá-se conta de que elas trabalham em toda parte pela união, difusão do partido e justiça. Constatam-se essas questões que regem a vida das personagens, ao ler o fragmento abaixo: “a polícia diz que vocês são uns monstros, e a classificação é justa, só que noutra sentido:

vocês são uns monstros para se sacrificar, monstros de dedicação” (AMADO, 1980, p. 133).

Os fatores que impulsionam a luta das personagens em questão estão subjacentes às suas concepções marxistas que se traduzem na luta, na coragem e no amor ao partido. Esses fatores estão atrelados à simbologia da foice e do martelo que se revela na luta por uma vida digna e melhores condições de trabalho.

Percebe-se que o ideal desenvolvido pelos comunistas é de que a missão de luta desenvolvida por eles chegue a todos os rincões do mundo. Que haja um clamor por mais fartura, comida, casa e alegria para todos, pondo fim a um mundo de desigualdades e explorações, que são produtos do capitalismo que se propaga com uma busca desenfreada por mais lucro.

Dessa maneira, os símbolos da foice e do martelo resplandecem nas concepções marxistas das personagens ao lutarem pela hegemonia do partido. Essa simbologia se traduz como um apelo de união entre os comunistas do mundo inteiro nas suas diversas vertentes. Com essa mensagem de união, ratifica-se que todos são irmãos e lutam pelos mesmos ideais de propagar a igualdade e por melhores condições para o homem.

Valores Simbólicos da Foice e do Martelo

A foice e o martelo são símbolos usados para representar o comunismo e os partidos políticos comunistas no mundo, por isso, no desenho, pode-se ver uma foice sobreposta a um martelo, de forma que pareçam entrelaçados entre si. Nesse caso, as duas

ferramentas simbolizam a união e a luta por melhores condições de vida para o proletariado industrial e camponês. Essa aliança consolida a ascensão da revolução socialista e o declínio do capitalismo, o qual, para Marx (2001), é uma tendência que é vista como um sistema de escravidão do trabalhador mediante o ganho exacerbado do lucro.

Na verdade, esses valores simbólicos nada mais são do que um convite à união de todos os trabalhadores que vivem oprimidos pelo sistema que não lhes permite usufruir de seus direitos. É partindo desse pressuposto que Dênis de Moraes (1994, p. 40) apresenta uma clara definição relacionando os valores simbólicos da foice e do martelo com as concepções marxistas dos comunistas:

O símbolo por conseguinte, se refere a um sentido, não a um objeto sensível. A foice e o martelo na bandeira da extinta União Soviética não aludiam unicamente a ferramentas de trabalho; transportados para a cadeia de simbolização, formulavam a idéia de que o Estado Soviético perpetrava a aliança de trabalhadores do campo e da cidade. De objetos, tornaram-se signos portadores de dimensão ideológica: a bandeira como tradução da simbiose do socialismo com os interesses dos trabalhadores.

A relação entre o símbolo e seu emblema é muito forte, pois uma figura com essa simbologia possuía inúmeros significados. Tais significados eram claros para os militantes e até mesmo para a polícia, que investigava qualquer pessoa que apresentasse um comportamento diferente do por ela, considerado normal, ou seja, que

manifestasse algum descontentamento com a política que vigorava no país. Isso pode ser observado em *Os Subterrâneos da Liberdade*, quando a polícia realiza uma série de prisões em São Paulo com a intenção de dismantelar o partido comunista. No entanto, restavam uns poucos militantes ainda livres e que trabalhavam para mostrar que o partido resistia, e lutavam; tais fatos podem ser observados no fragmento abaixo:

Quando, ao descer dos bondes, à luz ainda imprecisa da manhã recém-nascida, os operários enxergavam as bandeirolas vermelhas nos fios elétricos, um sorriso passou de boca em boca e se cutucavam com os cotovelos (AMADO, 1976, p. 352).

Assim, entende-se que mesmo depois de várias prisões de militantes, os poucos que restavam livres resolveram mandar sua mensagem de resistência, luta e coragem para todos os operários e os simpatizantes com o intuito de mostrar a todos que o partido não estava morto e que a luta continuava. Com essa mensagem, os militantes afirmavam, por meio dos símbolos, como se sentiam em relação ao seu partido, isto é, afirmavam com veemência o quanto o amavam. Embora estivessem em período perigoso, em que facilmente se era preso ou considerado suspeito, eles não se acovardavam e nem titubeavam em suas decisões ou comportamentos, pois muitos foram presos e confirmaram, em suas atitudes, o que significava o partido para eles. Esse fato pode ser observado mediante a postura que o Camarada João, esposo de Mariana e um dos dirigentes do partido,

apresenta no seu interrogatório: “Sou comunista, está é a minha honra, meu orgulho” (AMADO, 1976, p. 289).

Ao mesmo tempo, os militantes transmitiam essa mensagem de esperança a todos os cantos do Brasil para que outros percebessem que a luta não havia terminado e que onde houvesse um comunista, ali estaria o partido. As simbologias retratadas nas figuras do emblema comunista demonstram o quanto as pessoas acreditavam nessa resistência e esperavam por ela, da parte dos militantes, que não estavam presos e que continuavam desenvolvendo um trabalho de resistência e de disseminação das ideias do partido.

Os grupos de operários, cada vez mais compactos, viam as bandeiras ao saltar dos bondes, liam mais adiante a inscrição recente. Uma súbita animação parecia dominar os diversos grupos, nasciam comentários, as faces se alegravam (AMADO, 1976, p. 352).

Enquanto muitos viam apenas singelas bandeiras comunistas, outros percebiam o sentido real que elas de fato possuíam. Tais sentidos são apresentados como um grito de clamor para que todos os operários se unissem e agissem segundo suas concepções marxistas baseadas nas determinações partidárias. Em decorrência desses fatores, eles eram motivados a lutar e amar cada vez mais o seu partido, influenciando, assim, nas suas concepções. Tal aspecto pode ser observado quando Camarada Ruivo encontra-se preso e é brutalmente espancado pela polícia com o intuito de revelar nomes e informações referentes aos trabalhos do partido em São

Paulo e no Brasil. Mesmo assim, ele se mantém fiel às suas concepções de dirigente comunista:

Haviam-no começado a espancar, quando do primeiro interrogatório. Ele assumira a responsabilidade de seus atos como dirigente comunista, reafirmara sua qualidade de líder proletário, sua confiança no Partido e na União Soviética (AMADO, 1976, p. 289).

Com base no comportamento do Camarada Ruivo, que se mantém firme em seus ideais, percebe-se que os valores simbólicos da foice e do martelo influenciam as concepções marxistas das personagens, visto que essas concepções incentivam a luta, a resistência e o sonho de todo comunista em ver o seu partido sendo reconhecido no Brasil e no mundo. Isso é o que pensa Mariana antes de dormir, certa noite, no momento em que refletia sobre a situação difícil que ela e os outros companheiros estavam vivendo.

No seu leito, ela pensa: revê as inscrições sobre as paredes das casas ricas, o nome de Prestes levantado como uma bandeira, a foice e o martelo para perturbar o sonho bem alimentado dos cúmplices do golpe (AMADO, 1976, p. 145).

Em decorrência desses fatores, percebe-se a relação existente entre a simbologia da foice e do martelo, o nome de Prestes, líder máximo do comunismo no período do Estado Novo e que se encontrava preso, com as concepções das personagens em estudo. De acordo com tais observações, percebe-se que um comunista

apresentava um perfil e características subjugadas à ideologia partidária que o conduziam a uma luta constante contra o massacre das ideias e, ao mesmo tempo, ele se diferenciava de outras pessoas porque a sua postura estava atrelada ao seu ideal partidário. No fragmento abaixo, percebem-se vestígios dessa postura assumida pelos militantes, no momento em que João era interrogado e afirmou sem medo:

Eu luto para transformar a vida de milhões de brasileiros que passam fome e vivem na miséria. Essa causa é tão bela, doutor, tão nobre, que por ela um homem pode suportar a prisão mais dura, as torturas mais violentas. Vale a pena (AMADO, 1976, p. 297).

Em decorrência desses fatores, percebe-se que o ideal de um comunista é fundamentado na sua conduta frente ao partido e fiel, ao mesmo tempo, às suas concepções que o impulsionam a lutar e sonhar com um mundo melhor e mais justo para todos.

Conclusão

Após as discussões apresentadas, convém retomar alguns pontos atinentes às diversas concepções marxistas das personagens Mariana, Camarada Ruivo e Velho Orestes subjacentes à simbologia da foice e do martelo na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Na verdade, o que se tentou questionar foi como os valores simbólicos da foice e do martelo influenciam tais personagens em sua maneira de agir. Partiu-se desse

pressuposto, de que a mensagem de união entre elas está relacionada ao partido e são influenciadas fortemente por suas concepções marxistas. Essas concepções as impulsionam a lutar por melhores condições de vida e, também, pela difusão das ideias do partido.

Com base em tais observações, verificou-se como esse fato se deu na vida das personagens, já que elas apresentam um comportamento diferenciado dos de outros, sobretudo por causa das suas convicções que estão atreladas ao valor simbólico representativo do partido comunista.

Dessa maneira, tem-se a ideia de como os símbolos comunistas interferem nos ideais das personagens, já que a mensagem apresentada por esses símbolos remete à ideia de que o partido estaria onde houvesse militantes, ainda que, estes sofressem prisões, perseguições e censura da polícia, porque o que falava mais alto era a fidelidade ao partido, mesmo que isso significasse doar sua própria vida por ele.

Portanto, desconfia-se que a simbologia desses elementos seja uma mensagem de união e luta do proletariado industrial e do campesinato por seus direitos, sua autonomia, sendo, ao mesmo tempo, uma mensagem de difusão do socialismo no mundo nas suas diversas vertentes.

Referências

AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da liberdade**: os ásperos tempos. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da liberdade**: agonia da noite. 10 ed. São Paulo: Record, 1980.

AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da liberdade**: a luz no túnel. 28 ed. São Paulo: Record, 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friederick. **O Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: LP&M Editores, 2001.

MORAES, Denis. **O imaginário vigiado**: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953). Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. Por que escrever? In: **O que é a Literatura?** São Paulo: Ática, 1989.